

Brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar parte integrante da atividade educativa. Além de possibilitar o exercício daquilo que é próprio no processo de desenvolvimento e aprendizagem, brincar é uma situação em que a criança constitui significados, sendo forma tanto para a assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio, como para a construção do conhecimento.

O jogo e a brincadeira são sempre situações em que a criança realiza, constrói e se apropria de conhecimentos das mais diversas ordens. Eles possibilitam, igualmente, a construção de categorias e a ampliação dos conceitos das várias áreas do conhecimento. Neste aspecto, o brincar assume papel didático e pode ser explorado no processo educativo.

Segundo VIGOTSKY, a aprendizagem precede o desenvolvimento. Posto isto, tem-se idéia antagônica à outrora difundida de que a criança precisa, primeiramente, adquirir determinada capacidade para aprender determinado conteúdo, o que equivale a dizer que as habilidades não precedem o conhecimento, mas que é no processo de elaboração do conhecimento que se constroem, também, as habilidades.

A aprendizagem de conteúdos específicos levaria, portanto, ao desenvolvimento de funções específicas. Esta formulação de VIGOTSKY parte de suas pesquisas empíricas, em que pôde verificar que a criança apresenta um nível de desempenho quando realiza algo sozinha, mas que este nível passa a ser outro, de maior complexidade, se ela trabalha com um adulto ou com outra criança mais experiente. Este fato, além de revelar a importância do papel do professor e das interações entre crianças, significa que através da colaboração de um indivíduo mais experiente a criança pode construir e ampliar conceitos, os quais ela não teria condições de realizar sozinha naquele momento de seu desenvolvimento.

De acordo com esta concepção, a Pré-escola tem função de promover a construção de conhecimentos, assim como todos os outros níveis da Educação, pois desta construção depende o próprio processo de constituição dos indivíduos que a frequentam.

O que existe de específico na Pré-escola é o recorte que é feito do conhecimento a ser ensinado, de forma que ele se amolde às possibilidades reais e potenciais das crianças. Na forma de encarar o conhecimento, entretanto, a Pré-escola não deve diferir dos outros níveis de ensino,

' Doutora em Psicologia e professora da Escola de Comunicações e Artes da USP.



FOTO CEDIDA PELA PROFa. LEDA MARIA GIUFFRIDA SILVA

uma vez que a aprendizagem geralmente ocorre quando se problematiza o conhecimento para o aluno. E o que significa problematizar o conhecimento? Problematizar é colocar, com a criança, uma questão básica que suscite um processo de aprendizagem. Significa apresentá-lo de forma que ele constitua uma questão real para o educando, um problema a ser solucionado, seja este de natureza lingüística, científica ou estética. Esta forma será uma opção do professor, existem, portanto, inúmeras maneiras de se problematizar um mesmo conteúdo.

O processo de aprendizagem, por sua vez, implica a realização de atividades que levem à construção dos conceitos que constituem o referido conteúdo, através das informações que ele contém. Isto é, todo conteúdo é constituído de uma série de informações, dados e fatos articulados entre si segundo uma ordem interna, que deverá ser compreendida pelo educando. É pelo domínio destes elementos que a criança desenvolve as funções do pensamento (análise e síntese por, exemplo), assim como constitui noções de tempo, espaço, simultaneidade etc. O pensamento vem, portanto, da atividade. As atividades envolvidas no processo de aprendizagem são observação, experimentação, reflexão, organização (através da fala, escrita, desenho, movimento) e apresentação do conhecimento adquirido.

É a partir desta perspectiva mais abrangente do processo de constituição do indivíduo como ser social, afetivo e cognoscente que devemos pensar o papel do jogo e da brincadeira na Pré-escola.

Brincar na Instituição

A Escola não é um local como outro qualquer; ela é uma instituição que tem como objetivo possibilitar ao educando a aquisição do conhecimento formal e o desenvolvimento dos processos do pensamento. É nela que a criança aprende a forma de -se relacionar com o próprio conhecimento.

Brincar na Escola não é exatamente iguala brincar em outras ocasiões, porque a vida escolar é regida por algumas normas que regulam as ações das pessoas e as interações entre elas e, naturalmente, estas normas estão presentes, também, na atividade da criança. Assim, as brincadeiras e os jogos têm uma especificidade quando ocorrem na Escola, pois são mediadas pelas normas institucionais.

A utilização do brincar como recurso pedagógico tem de ser vista, primeiramente, com cautela e clareza. Brincar é uma atividade essencialmente lúdica; se deixar de sê-lo, descaracterizar-se-ã como jogo ou brincadeira. Corra forma de atividade infantil, na qual há construção de conceitos, eles podem e devem ser utilizados na Escola neste sentido.

Não se pode, todavia, restringir o brincar a esta função, uma vez que ele também promove, conforme já vimos, a constituição do próprio indivíduo.

Incluir o jogo e a brincadeira na Escola tem como pressuposto, então, o duplo aspecto de servir ao desenvolvimento da criança, enquanto indivíduo, e à construção do conhecimento, processos estes intimamente interligados.

Não cabe à Escola, contudo, repetir o cotidiano que a criança vivencia fora dela. A reprodução do cotidiano na Escola é equivocada, porque, conforme afirmamos anteriormente, uma atividade - ou o que nos interessa aqui: uma brincadeira - não será exatamente a mesma se realizada por um grupo de crianças na rua ou na Escola, seja ou não proposta e/ou conduzida por um adulto. Ela é intermediada por outros elementos, como, por exemplo, a disciplina, a ocupação do espaço, as

expressões de afeto e os conflitos. Na Escola, a figura do adulto, mesmo que ele não esteja fisicamente presente, influencia e regula a atividade da criança e as interações que ela estabelece. As crianças mantêm as regras de comportamento mesmo quando estas não estão sendo exigidas, chamando continuamente a atenção umas das outras para tais regras, como falar baixo, ficar sentada etc.

É função da Escola levar a criança, em qualquer nível de ensino e período de desenvolvimento, a obter experiências e informações que enriqueçam seu repertório, bem como procedimentos metodológicos que permitam integrar sucessivamente estes novos conhecimentos àqueles que a criança já detém. Isto implica, necessariamente, trabalhar com o instrumental que a criança dispõe em cada etapa de seu desenvolvimento, ou seja, com as formas de intervir e apreender o real e com o imaginário que o ser humano vai adquirindo ao longo da vida.

O brincar, como forma de atividade humana que tem grande predomínio na infância, encontra, assim, seu lugar no processo educativo. Sua utilização promove o desenvolvimento dos processos psíquicos; dos movimentos, acarretando o conhecimento do próprio corpo; da linguagem e da narrativa; e a aprendizagem de conteúdos de áreas específicas, como as Ciências Humanas e Exatas.

Limites da Utilização do Jogo e da Brincadeira

A brincadeira e o jogo por si só, entretanto, não dão conta totalmente da aprendizagem. Esta se realiza, também, por meio de outras formas de atividade humana, úteis à sistematização de um conteúdo e à construção e/ou ampliação de um conceito, tais como leitura de textos de apoio, discussão entre crianças, debates com adultos, filmes, documentos, observação, experimentação direta etc. O processo de aprender inclui a ação, a reflexão da ação e a sistematização do conhecimento.

Portanto, o brincar, como grande recurso para o professor de Pré-escola, deve ser parte integrante do planejamento, e não todo o planejamento, visto que atividades de outras naturezas precisam estar presentes também.

As atividades lúdicas geralmente ocupam momentos determinados da programação, com tema, material, ocupação do espaço e duração estipulados pelo professor. No entanto, é importante dar outras possibilidades de ação para as crianças, de forma que elas possam atuar na determinação destes aspectos que acabamos de citar. Isto poderia ser feito com propostas de trabalho utilizando sucatas, papéis de tamanhos diferentes, exercícios corporais etc.

O Imaginário Infantil

A criança de idade pré-escolar dedica grande parte de seu tempo ao brincar de faz-de-conta. Desta forma ela desenvolve a linguagem e a narrativa e passa a ter melhor compreensão de si e do outro, por meio de sua contraposição com as pessoas e os objetos que constituem o seu meio e que são, também, culturalmente definidos.

O desenvolvimento do imaginário infantil não passa somente pelo jogo de faz-de-conta, mas também pelas realizações de natureza estética, como a música, a dança e as artes gráficas. A criança trabalha, desta forma, com a imagem: as que percebe em seu cotidiano e as que produz, como uma forma complexa de compreensão e reformulação de sua experiência cotidiana.

O brincar e a arte têm, desta forma, uma identidade em termos da natureza da ação que eles implicam. Na criança, no período de desenvolvimento que designamos como pré-escolar, estas duas formas de atividade humana se mesclam continuamente. Este fato se deve em grande parte à finalidade da ação que o ser humano realiza nos primeiros anos de vida, a qual visa, essencialmente, à constituição da função simbólica, ou seja, à criação de símbolos.

É importante destacar a questão da duração do jogo ou da brincadeira. O tempo da atividade da criança é definido pela própria atividade e não por fatores externos. Desta forma, o tempo que a criança leva para realizar uma determinada atividade nem sempre coincide com a expectativa do adulto. Isto significa que a atividade que a(s) criança(s) realizam) pode ser inadvertidamente interrompida por um adulto porque este está preso a um intervalo de tempo que é ditado por outras coisas que não a natureza da atividade em si.

A Ação do Educador

O brincar na Escola tem também uma função informativa para o professor.

Ao observar uma brincadeira e as inter-relações entre as crianças em sua realização, o educador aprende bastante sobre seus interesses, podendo perceber o nível de realização em que elas se encontram, suas possibilidades de interação, sua habilidade para conduzir-se de acordo com as regras do jogo, assim como suas experiências do cotidiano e as regras de comportamento reveladas pelo jogo de faz-de-conta.

A partir de suas observações, o educador terá condições de programar atividades pedagógicas que desenvolvam os conceitos que as crianças já estão constituindo e que sejam adequadas às possibilidades reais de interação e compreensão que elas apresentam em determinado estágio de seu desenvolvimento.

A ação do educador deve ser, antes de tudo, refletida, planejada e, uma vez executada, avaliada.

É importante que a ação do educador se oriente no sentido de ampliar o repertório das crianças, não só do ponto de vista lingüístico, como também do cultural. Cabe ao educador a tarefa de alimentar o imaginário infantil, de forma que as atividades das crianças se enriqueçam, tornando-se mais complexas (pelas relações que se vão estabelecendo).

No planejamento precisam ser explicitados os conceitos a serem desenvolvidos, os conteúdos a serem trabalhados e as expectativas de realização das crianças. A partir desta definição, deve-se selecionar o tipo de atividade que poderá ser utilizado para atingir tal fim, o qual poderá ser alguma forma de jogo ou de expressão artística.

Ao educador cabe, então, tendo em vista a compreensão e o conhecimento da evolução das crianças, pensar que tipo de atividade propor, tendo clareza de intenção, isto é, sabendo o que as crianças podem desenvolver com a atividade proposta. Um segundo ponto, também fundamental, é o encaminhamento da atividade, ou seja, a definição de como ela será realizada, prevendo a ocupação do espaço e o limite do tempo, de acordo com a natureza da própria atividade, permitindo a realização dos movimentos em sua amplitude.

O brincar da criança, visto do prisma aqui apresentado, não pode ser considerado uma atividade complementar a outras de natureza dita pedagógica, mas sim como atividade fundamental para a constituição de sua identidade cultural e de sua personalidade.